

## GT 42 Etnografias contemporâneas das diásporas médio-orientais na América Latina e no espaço global

32 RBA, 2020

### **Refúgio e família: contribuições críticas da etnografia com mulheres do conflito sírio**

Refuge and family: critical contributions of ethnography with women in the Syrian conflict

Mirian Alves de Souza<sup>1</sup>

Este artigo tem o objetivo de oferecer alguns dados que possam enriquecer a produção antropológica no campo da migração forçada. A partir de uma etnografia com refugiados do conflito sírio, o texto focaliza narrativas de mulheres no Brasil e Tunísia. A pesquisa adotou o método etnográfico, baseado em observação participante, no Rio de Janeiro, e entrevistas em Tunis e São Paulo. Existem poucos trabalhos nestes contextos com foco nas mulheres refugiadas do conflito sírio. Outra contribuição da pesquisa, no campo dos estudos sobre família e refúgio, é a apresentação de uma descrição das relações familiares anteriores e durante o deslocamento. Os dados da pesquisa, em consonância com a bibliografia, confrontam a afirmação de um colapso nas relações familiares no exílio.

Palavras-chave: Refúgio, família, conflito sírio, mulheres

### **Abstract**

The aim of this article is to offer some data that can enrich anthropological production in the field of forced migration. Based on an ethnography of refugees from the Syrian conflict, the article focuses on women's narratives in Brazil and Tunisia. The research adopted the ethnographic method, based on participant observation, in Rio de Janeiro, and interviews conducted in Tunis and São Paulo. There are few academic works developed in these contexts focusing on women refugees from the Syrian conflict. Another contribution of the research, in the field of studies on family and refuge, is the presentation of a description regarding family relationship prior to and during displacement. The research data, in line with the bibliography, confront the affirmation of a collapse in family relationships in exile.

Keywords: Refuge, family, Syrian conflict, women

### **Introdução**

O refúgio como objeto antropológico tem sido profundamente problematizado, porque sob esta categorização se omite uma enorme variedade de situações do ponto de vista histórico, geográfico e cultural. A universalização de grupos deslocados na categoria

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Antropologia e do PPGJS da Universidade Federal Fluminense UFF, pesquisadora do Núcleo de Estudos do Oriente Médio NEOM e INEAC-INCT/UFF.

“refugiado” tem produzido desistoricização e despolitização (MALKKI, 1995). Barbara Harrell-Bond em sua pesquisa com refugiados de Uganda, no Sul do Sudão, critica a incapacidade de trabalhadores humanitários, no cotidiano de suas ações, em reconhecer diferenças. Barbara Harrell-Bond (2002, p. 56) argumenta que “as populações de refugiados são heterogêneas de muitas maneiras (idade, educação, gênero, classe social e assim por diante), mas o método per capita de distribuição da ajuda é o ‘nivelador’, ele enfatiza sua ‘igualdade’ ou ‘homogeneidade’”. Liisa Malkki (1995), a partir de sua pesquisa com refugiados hutus na Tanzânia, mostra que as organizações humanitárias reproduzem imagens e discursos padronizados sobre os refugiados, caracterizando-os como “meras vítimas” ou como “um tipo generalizado e idealizado”.

Porém, não apenas no contexto de organizações humanitárias, como também no campo acadêmico (STEIN, 1981; KELLER, 1975), quase como uma “tribo” antropológica essencializada, os refugiados tornaram-se não apenas uma categoria mista de pessoas que compartilham um certo status legal; eles se tornaram “uma cultura”, “uma identidade”, “um mundo social” ou “uma comunidade”. Há uma tendência, então, a proceder como se todos os refugiados compartilhassem uma mesma condição ou natureza comum (MALKKI, 1995, 1996).

As pesquisas desenvolvidas por Barbara Harrell-Bond (1982, 2002) e Liisa Malkki (1992, 1995, 1996) inauguram uma produção crítica no campo da antropologia (por exemplo FASSIN, 2010; AGIER, 2011; SCHIOCCHET, 2011; HAMID, 2012; NAVIA, 2014; URIARTE, 2017; LOKOT, 2018). Essa produção busca pensar o refúgio e a experiência do deslocamento considerando o conflito que produz a migração forçada, a dimensão política normativa do estado-nacional e os contextos históricos e sociais de origem, trânsito e destino das pessoas, assim como os seus diferentes pertencimentos culturais. Busca-se romper com uma narrativa homogênea sobre os refugiados, analisando a pluralidade de experiências no contexto do refúgio, as quais estão relacionadas a marcadores identitários diversos. Este artigo tem por objetivo oferecer alguns dados que possam enriquecer esta discussão, a partir da etnografia com refugiados do conflito sírio.

A literatura da antropologia sobre refugiados do conflito sírio tem dado atenção aos laços familiares, culturais e linguísticos compartilhados com jordanianos (ACHILI, 2016), ao papel da classe social para a experiência do exílio entre mulheres sírias no Cairo, Egito (AYOUB, 2017), ao apoio prestado pelos palestinos aos refugiados sírios no campo de Chatila, no Líbano (SHARIF, 2018), as relações anteriores e durante o

deslocamento dentro e fora das famílias sírias a partir da Jordânia (LOKOT, 2018), ao papel de organizações profissionais para o acesso à ajuda humanitária em São Paulo (MEIHY, 2019) e a questão da moradia para refugiados palestinos da Síria no Brasil (SOUZA e MANFRINATO, 2020).

Este artigo busca contribuir para essa produção, olhando em particular para as narrativas de três mulheres em dois contextos de Sul global, Brasil e Tunísia. Existem poucos trabalhos com foco em narrativas de mulheres, de maneira geral, e especialmente nestes contextos (ARAISSIA, 2019; ABDELLATIF, 2018). As histórias de Sila, Randa e Muna são articuladas, porque rompem com uma narrativa cristalizada sobre a família e mostram que nem sempre o deslocamento produz rupturas e perdas de vínculos familiares. Os dados da pesquisa, em consonância com a bibliografia (LOKOT, 2018), confrontam a conclusão de um colapso nas relações familiares no exílio. Ao examinar como as redes sociais e o capital social contribuem para o bem-estar dos sírios em Irbid, Jordânia, Stevens considera que as redes sociais, que tradicionalmente forneciam apoio em tempos de dificuldades, entraram em colapso sob a penosa tensão financeira e social dos anos de deslocamento.

As redes sociais tradicionais não estão contribuindo para o suporte financeiro e emocional das famílias sírias em Irbid, na Jordânia, apesar da existência de familiares ou outras relações às quais se poderia pedir ajuda. Em vez disso, as redes sociais que tradicionalmente forneciam suporte em tempos de dificuldades ruíram sob a pressão financeira e social de anos de deslocamento (STEVENS, 2016, p. 52).

A conclusão do trabalho de Stevens expressa uma visão um tanto funcionalista, questionada por Liisa Malkki. Para Malkki, trabalhos desenvolvidos no campo dos “estudos sobre refugiados” (STEIN, 1981; KELLER, 1975) supõem que se desenraizar e se deslocar de uma comunidade nacional é necessariamente perder sua identidade, tradição e cultura (MALKKI, 1995, p. 508). No âmbito das organizações humanitárias essa visão é igualmente compartilhada. Relatórios de agências humanitárias (OXFAM e ABAAD, 2013; UNHCR, 2014; BUECHER e ANIYAMUAALA, 2016) enfatizam o impacto do exílio na estrutura das comunidades sírias, apresentando as relações sociais como perpetuamente quebradas devido à guerra. Segundo o relatório “Woman Alone: Fight for survival by Syria’s Refugee Women”, “as famílias sírias são tradicionalmente muito unidas. A guerra mudou tudo isso, separando famílias e comunidades. Homens

foram mortos, presos ou gravemente feridos. O medo, como uma constante, entrou em suas vidas” (UNHCR, 2014, p. 09).

O poder predominante da família no contexto do Oriente Médio tem sido reconhecido por diversos autores (JOSPEH, 1999; DAHLGREN, 2008; RABO, 2008). Nesta região, a identificação com a família e o grupo de parentes é a base da identidade de um indivíduo. E isso é verdade para ambos os sexos (EL GUINDI, 1999, p. 164). A família é vista como representando um “espaço sagrado” (JOSPEH, 2000, p. 19), mas os pesquisadores enfatizam que ela não é uma entidade estática. Beshara Doumani, por exemplo, argumenta que é preciso contextualizar e historicizar a família. Esvaziada de substância histórica, ela é discutida em termos monolíticos e enquadrada monocromaticamente como tradicional ou moderna (DOUMANI, 2003, p. 3; 2017, p. 17). Este enquadramento se vincula a construções nacionais e culturais que modelam os imaginários sociais do Estado, “o qual privilegia determinadas concepções idealizadas na noção de ‘família muçulmana’<sup>2</sup>. Os discursos nacionalistas colocaram a família no centro das visões políticas, que renegociam as relações sociais tradicionais em benefício do Estado” (DAHLGREN, 2008, p.7).

No contexto da Síria, Lisa Wedeen argumenta (1999, p. 51) que o papel da família é tão difundido que metáforas de família operam na narrativa oficial para representar as relações idealizadas de filiação e dominação do regime<sup>3</sup> e para especificar a forma de obediência pública. A construção de uma família nacional pelo culto a Hafez Al Asad, o “pai nacional”, deriva sua coerência e inteligibilidade das relações reais entre os sexos e a compreensão prática, vivida de gênero e poder dentro das famílias sírias. Desde a “revolução” Ba’ath de 8 de março de 1963<sup>4</sup>, “a família” havia perdido cada vez mais as funções disciplinares e de cuidado para as instituições estatais emergentes, como o exército, fábricas, hospitais, escolas e prisões. A Guerra de 1967 teve o efeito de transferir

---

<sup>2</sup> A produção antropológica contemporânea oferece visões e interpretações bastante nuançadas das disputas pela definição dos símbolos públicos e discursos morais e religiosos sobre a família e a mulher muçulmana (ABU-LUGHOD, 1998, 2002; MAHMOOD, 2005; RABO, 1996, 2008; CHAGAS, 2011).

<sup>3</sup> A categoria regime designa o governo do atual presidente da Síria, Bashar al-Asad, mas também se refere ao governo de seu pai, Hafez. Bashar al-Asad se tornou presidente da Síria depois da morte de seu pai, que presidiu o país de 1970 a 2000. Bashar al-Asad consolidou uma dinastia política no poder, chamada por seus oponentes de república de reis (jumlukiya) (PINTO, 2013, p. 211).

<sup>4</sup> A efetiva construção do Estado-nação na Síria não começou até 1963, com o golpe que levou o Partido Ba'ath ao poder. O partido socialista pan-árabe (Hizb Al-Ba'ath Al-'Arabi Al-Ishtiraki) tem como objetivo abolir as instituições tradicionais, definidas como “feudal, tribal e patriarcal” (RABO, 1996, p. 153).

funções adicionais anteriormente desempenhadas por famílias sírias para o estado (WEDEEN, 1999, p. 52).

Annika Rabo (1996) aborda o projeto modernizante do partido Ba'ath, o único a governar a Síria desde a década de 1960. Neste projeto, concepções de gênero consideradas “tradicionalistas” são condenadas como resquícios de uma ordem patriarcal que o partido se esforça para eliminar. Nessa retórica, os laços de parentesco são vistos como fomentadores de uma espécie de solidariedade que ameaça o progresso da sociedade. A organização de pessoas em clãs, tribos ou famílias numerosas é considerada “feudal” e uma ameaça para a nação. As iniciativas do “feminismo de estado sírio”, como os grupos de estudos para mulheres adultas, organizados pelo Sindicato das Mulheres, controlado pelo Ba'ath, são instrumentos importantes para ensinar as mulheres a “se livrarem das atitudes tradicionais da família<sup>5</sup>” (RABO, 1996, p. 160).

Uma referência final que serve de suporte para o meu campo etnográfico é a pesquisa de Michele Lokot (2016), que questiona conclusões sobre a experiência do refúgio e visões monolíticas sobre a família, como as que estão presentes em discursos acadêmicos (STEVENS, 2016) e humanitários (OXFAM e ABAAD, 2013; UNCHR, 2014; BUECHER e ANIYAMUAALA, 2016). Lokot explora como mulheres e homens sírios na Jordânia desafiam e mantêm os laços familiares. Sugere que o poder da família em moldar as relações sociais e a diversidade de experiências entre os sírios precisam ser melhor compreendidas por acadêmicos, bem como por agências humanitárias e governos. Os refugiados não podem ser descritos como se compartilhassem de uma mesma história de deslocamento e suas relações familiares não podem ser consideradas, inexoravelmente, rompidas por causa do deslocamento forçado. Lokot argumenta que as experiências de mulheres e homens no exílio variam em relação à geração, ideologia, classe social, lugar de origem e pertencimento étnico e religioso, entre outros fatores e circunstâncias.

---

<sup>5</sup> A construção do estado-nação na Síria é marcada por um discurso secular de combate a práticas consideradas tradicionais, como o uso do hijab (véu islâmico) no espaço público. A discussão sobre agência feminina tem sido explorada na literatura sobre mulheres muçulmanas. A etnografia de Saba Mahmood (2005) nas mesquitas do Cairo, em um movimento conservador de mulheres, deu lugar a uma nova concepção de agência. Mahmood desenvolveu um conceito de agência devota, que amplia a capacidade de compreensão das mulheres cujo sentido de self, aspirações, projetos e desejos, incluindo o de submissão a uma autoridade reconhecida, foram configurados no seio de tradições não liberais. Mahmood defende uma separação entre a noção de agência e a de resistência como um passo fundamental para se pensar as formas de vontade e política que não se adequam às normas seculares e liberais feministas (incluindo o “feminismo de estado”).

Este artigo apresentou, primeiro, discussões da bibliografia sobre o tema e que ganharam bastante espaço por sua perspectiva crítica. Depois, o texto apresenta informações sobre o trabalho de campo antropológico realizado e números do conflito sírio; por fim, uma análise que confronta representações idealizadas da família e que desafia discursos simplistas em torno do refúgio. Propõe-se apresentar uma descrição mais complexa das relações no exílio, considerando a dinâmica familiar antes e durante a migração e os diferentes pertencimentos das mulheres.

## **Metodologia**

O trabalho de campo que informa este artigo foi conduzido em dois períodos<sup>6</sup>. Primeiro, de outubro de 2015 a setembro de 2018, no Rio de Janeiro e em São Paulo, Brasil. Depois, ele foi desenvolvido, de março a julho de 2019, em Tunis, Tunísia. No Rio de Janeiro, a pesquisa adotou uma metodologia baseada na observação participante. O trabalho de campo foi desenvolvido com imersão, por meio do consumo regular de “comida síria”, produzida e comercializada por alguns interlocutores, e através das aulas de árabe com professores refugiados. A noção de reciprocidade, “dar alguma coisa em troca” (LIAMPUTTONG, 2007, p. 60) orientou a pesquisa, de modo que o trabalho de campo também foi marcado por minha colaboração para a abertura de conta bancária, acesso ao serviço público de saúde, educação, e assistência a organizações humanitárias e a informações e esclarecimentos sobre o processo de refúgio. Em contraste, para o trabalho de campo em São Paulo e Tunis me concentrei na realização de entrevistas mais estruturadas e observação direta. Contudo, mesmo nesses contextos, nos quais tive pouco convívio com os interlocutores, a presença de crianças pequenas, criava um ambiente mais informal e empático.

A etnografia que realizei privilegiou a descrição do processo de acolhimento de pessoas afetadas pelo conflito sírio em contextos nacionais nos quais meus interlocutores eram responsáveis por sua vida social e econômica. Isso significa dizer que não houve auxílio do estado brasileiro ou tunisiano para o deslocamento e eles não foram acolhidos por programas especiais para refugiados. A pesquisa envolveu cidadãos sírios e de outras nacionalidades, como palestinos e libaneses. Esses refugiados viviam em áreas urbanas

---

<sup>6</sup> O trabalho de campo foi financiado (2015-2017) através de bolsa de Doutor Junior da Fundação Casa de Rui Barbosa, através do Centro de Estudos em Política de Imigração e Refúgio, coordenado por Charles Gomes.

do Rio de Janeiro, São Paulo e Tunis e possuíam uma grande diversidade socioeconômica.

As pessoas que participaram da pesquisa tinham entre 18-65 anos e eram em sua maioria de Damasco, Aleppo, Dayr al-Zor, Daraa, Raqqah e Homs na Síria. Participaram refugiados de outras nacionalidades, sem necessariamente relação com o conflito sírio, como marroquinos, egípcios, um sudanês e um líbio. Foram realizadas 20 entrevistas, sendo atividades do dia a dia, como as aulas de língua árabe, momentos importantes para a construção de um conhecimento sobre a história de vida dos interlocutores no contexto de refúgio. As entrevistas e aulas particulares foram conduzidas em minha casa, na residência de algumas interlocutoras, em cafês, restaurantes e na Fundação Casa de Rui Barbosa. Feiras de comida, organizações humanitárias e confessionais, eventos culturais e acadêmicos, como palestras e peças teatrais também foram espaços para o desenvolvimento do trabalho de campo. As entrevistas foram realizadas em inglês, mas o uso do árabe e do português era frequentemente acionado. Estudar a língua árabe durante o trabalho de campo contribuiu para gerar empatia, mostrar meu engajamento diante do tema, fazer anotações mais adequadas e problematizar conceitos. Em três entrevistas, contei com duas tradutoras durante todo o tempo e, em outras ocasiões, com a tradução de outros interlocutores presentes ou de aplicativos de celular.

### **Conflito sírio**

Desde o começo do conflito sírio, em 2011, estima-se que 6,7 milhões de pessoas foram deslocadas internamente na Síria, 5,6 milhões deixaram o país, e 13,5 milhões precisam de ajuda humanitária. A maioria dos refugiados está em países vizinhos, que fazem fronteira com a Síria, os quais abrigam 90% do total de deslocados. Os países que mais receberam refugiados sírios são Turquia, Líbano e Jordânia (ACNUR, 2018).

Na Tunísia, o Institut National de la Statistique divulgou que, em 2014, haviam 1.024 refugiado sírios no país (BOUBAKRI, 2015, p. 26). Os números, contudo, deveriam ser bem superiores. Segundo Boubakri, o secretário de Estado para “Migração e Integração Social” da Tunísia estimava o número 4.000 sírios presentes no país, enquanto o escritório do ACNUR no país registrava 629 refugiados (BOUBAKRI, 2015, p. 32). Em 2019, Vincent Cochetel, representante do ACNUR na Tunísia, informou que 1.031 sírios pediram refúgio ou eram refugiados no país (GRASSO, 2019).

No Brasil, entre 2011 e 2018, 3.326 cidadãos sírios foram reconhecidos como refugiados, segundo dados oficiais do Comitê Nacional para refugiados (CONARE

2019), que administra o refúgio no Brasil. A entrada de pessoas afetadas pelo conflito sírio foi facilitada, por razões humanitárias, através da flexibilização das exigências para a concessão de visto em embaixadas e consulados brasileiros. Através da Resolução normativa 17 de 2013, com validade de dois anos, e renovada nos anos de 2015 e 2017, o CONARE orientou para a emissão de vistos para pessoas afetadas pelo conflito sírio, considerando palestinos e cidadãos de outras nacionalidades que residiam na Síria<sup>7</sup>. A inclusão de nacionais de outros países na política de refúgio brasileira viabilizou o acesso à proteção a indivíduos que, embora afetados pela guerra, costumam ser excluídos de programas de proteção. A Tunísia, por sua vez, ao cortar relações com o governo sírio em 2012, como um sinal de “solidariedade ao povo sírio em suas reivindicações por liberdade e dignidade” (TURESS, 2012), criou obstáculos para a entrada de sírios no país. Entre meus interlocutores, alguns foram forçados a transitar por via aérea através da Argélia e, depois entrar na Tunísia, irregularmente, através da fronteira terrestre<sup>8</sup>.

### **Refúgio e relações familiares**

A experiência do exílio era muito diferente para Sila e sua mãe. Sila era jovem, estudava no curso universitário que sempre sonhou e tinha um trabalho do qual gostava e no qual fazia muitos amigos. Najma, sua mãe, no entanto, tinha quase setenta anos, uma saúde fragilizada, e era descrita pela filha como uma pessoa triste e amargurada diante de sua decadência social, mesmo antes do conflito na Síria. As diferenças entre as gerações devem ser consideradas, assim como os planos e perspectivas para a vida e interesse em permanecer e estabelecer relações no país de refúgio. Enquanto viviam na Jordânia, Muna e Aziz achavam que iam voltar em breve para a Síria. Isso tinha implicações para que Aziz não se esforçasse em construir relações fora de sua família, ficando a maior parte do tempo em casa. Em Tunis, Aziz mudou o seu comportamento, não apenas por não ter família na cidade, mas porque os planos de permanência prolongada começaram a se desenhar. Muna pretendia inclusive levar os sobrinhos e parte da família para o país.

Ager e Strang argumentam que se os refugiados não tiverem a intenção de permanecer, eles não se esforçam para se “integrarem”. (2010, p. 600). Um plano de permanência não é, contudo, uma condição para a construção de relações sociais no

---

<sup>7</sup> A Síria abrigava aproximadamente 500,000 refugiados palestinos, dos quais 149,822 viviam em um de seus nove campos oficiais (CASTELLINO e CAVANAUGH, 2013, p. 157).

<sup>8</sup> A pesquisa de Hajer Araissia (2019) discute o impacto dessa decisão para a precarização das condições de deslocamento focalizando sua análise nas mulheres sírias refugiadas na Tunísia.



exílio. Samia não pretendia viver no Brasil por muito tempo. Ela e seu marido estavam empenhados em viver em um país desenvolvido. Mas, isso, contudo, não os impediu de construir e ampliarem sua rede de relações em São Paulo. Deve-se contextualizar que Samia sempre precisou do apoio de pessoas de fora da família. Ela contava com o suporte financeiro do pai de Khaled, mas aqui me refiro à afeto e apoio emocional, um sentimento mais profundo de cuidado e “conectividade” (JOSEPH, 1994, p. 55). Samia interpretava a ausência de apoio como o preço a pagar por sua decisão de não respeitar o seu pai, recusando-se a casar com quem ele queria e por se casar com alguém de uma outra classe social. Diante disso, Samia sempre investiu nas relações de amizade fora do círculo familiar.

A Síria é um país com uma enorme complexidade e variação em sua composição familiar, de modo que as pessoas não fazem e nem falam da família da mesma maneira (RABO 2008, p. 131). Para Sila, sua família (aila) era constituída por ela e sua mãe. Seus irmãos, tios e tias, e demais parentes eram classificados como a família (aqareb) da mãe ou do pai. O marido de Muna, Aziz, considerava os irmãos de sua mulher como parte de sua família, embora concordasse que, idealmente, eles não deveriam ser definidos como tal. Ele se sentia como parte da ‘ashiire dos cunhados, categoria que expressa um sentido de família estendida, tipicamente associada à Síria rural e tribal (RABO, 2008, p. 132). A família de Khaled era definida com uma extensão bem diferente da família de Samia, ambos sunitas, mas de classes sociais e origens nacionais distintas. Muna e Aziz eram independentes economicamente de suas famílias, da província rural de Daraa, sendo a ajuda financeira recebida justificada pela situação extraordinária produzida pelo conflito. Para Khaled, por sua vez, o dinheiro enviado por sua família, urbana e elitizada, no contexto do exílio não se configurava como uma “ajuda”. Antes do conflito, Khaled já recebia regularmente dinheiro de seu pai, além do salário pago por ser empregado na empresa familiar.

Apesar de diferenças tão profundas na abordagem do que é uma família na Síria, há uma compreensão e aceitação geral de certos ideais. Os pais devem fazer todo o possível por seus filhos e, por sua vez, os filhos devem respeitar e venerar seus pais. Os membros da família e parentes devem ajudar e apoiar um ao outro, e quanto mais próximo o vínculo, maiores expectativas de ajuda e apoio (RABO, 2008, p. 131). Idealmente os familiares devem se apoiar. Contudo, isso não é o que se observa em todas as famílias, antes ou depois do deslocamento. Samia reclamou que não contava com o apoio de sua mãe e irmã, mesmo antes do conflito. Muna sofreu com as brigas com sua irmã durante

o período em que viveram juntas em Amã e não se sentia conectada à família de seu marido, antes do deslocamento. Sila afirmava que se sua mãe voltasse para a Síria, não encontraria acolhimento por parte de suas irmãs ou demais parentes em Damasco. Amalia Sa'ar enfatiza uma distinção entre a ideologia da família como solidária, empática e afetuosa e a experiência da família, que para as mulheres muitas vezes é solitária, isolante e às vezes ameaçadora. Para elas, “a família como ideologia é significativamente separada da família como experiência”. (SA'AR, 2001, p. 723). Em sua pesquisa com mulheres palestinas, Sa'ar apresenta exemplos impressionantes de mães e irmãs que não apenas deixam de apoiar suas filhas e irmãs em tempos de angústia, mas que se tornam hostis face aos seus momentos mais solitários (SA'AR, 2001).

Interlocutores mencionaram o distanciamento de suas famílias em razão de suas posições ideológicas diante do conflito na Síria. Uma interlocutora mantinha-se distante de determinados membros da família do marido por eles apoiarem o regime de Bashar al-Asad e cooperarem ativamente para as forças de segurança do estado sírio. Paulo Hilu Pinto analisa como a própria família e comunidade religiosa silenciam seus membros quando possuem posições dissonantes:

O regime usou seu aparato de segurança para mobilizar mecanismos repressivos internos sob a ameaça de que toda a comunidade sofreria sanções caso certos indivíduos não fossem suprimidos. Os manifestantes alauítas, cristãos e drusos enfrentaram repressão e violência dentro de suas próprias famílias (PINTO, 2017, p. 136).

Nesse sentido, a distância em relação a membros da família não pode ser explicada considerando exclusivamente o argumento de que o empobrecimento perturba as relações familiares, levando ao isolamento social e ao colapso das relações sociais (STEVENS, 2016, p. 56).

A etnografia Alfadhli e Drury também permite questionar a ideia de colapso das relações sociais entre refugiados, seja dentro ou fora de suas famílias. Eles argumentam que encontraram muitos exemplos de apoio entre os refugiados, tanto no nível pessoal quanto no coletivo. Parte desse apoio foi baseado no compartilhamento da identidade de “refugiado” que surgiu de um senso de destino comum, além de redes interpessoais pré-existentes (ALFADHLI e DRURY, 2018). A pesquisa de Renan Meihy com famílias sírias na cidade de São Paulo mostrou a construção de uma rede de apoio entre os sírios,

definida pelo pertencimento a determinadas confissões religiosas, que garantiram o acesso à ajuda humanitária (MEIHY, 2019).

A dinâmica das relações de gênero permite desafiar esse tipo de explicação, que se concentra no empobrecimento das famílias. Antes do exílio, Muna e sua irmã eram muito próximas. Contudo, ao viverem juntas na mesma casa em Amã, elas começaram a enfrentar uma série de desentendimentos que fortaleceram a decisão de Muna em deixar a Jordânia rumo à Tunísia. Os conflitos eram interpretados por Muna como em razão do desemprego do marido. Aziz era um homem que estava sempre em casa (beituti) e isso limitava a circulação de Sana no espaço doméstico. A irmã de Muna, uma jovem solteira, incomodava-se com a presença do cunhado em casa e das visitas de seus irmãos, que intensificavam a sua segregação. Diante da presença de um não mahram<sup>9</sup>, o espaço privado se torna público, exigindo da mulher o uso do véu islâmico (hijab) e/ou distância social (MAZUMDAR e MAZUMDAR, 2001, p. 304). A literatura sobre a dinâmica de gênero das relações no contexto do Oriente Médio fornece análises interessantes, que mostram como as mulheres experimentam mais liberdade quando os homens não estão presentes (ABU-LUGHOD, 1985, p. 644).

A pesquisa indica que é um erro considerar que o deslocamento necessariamente intensifica a segregação das mulheres, assim como a ideia de que as mulheres de áreas rurais ou de classes sociais mais populares são mais segregadas do que as mulheres urbanas e elitizadas. Muna reclamou de como o seu círculo de relações se limitou no exílio, especialmente em Tunis. A experiência do refúgio limitou o seu contato com homens de uma forma que ela não vivenciava em Daraa. Para Samia, no entanto, o exílio ampliou a sua rede de relações, bastante restringida e controlada depois do casamento. Samia realçou a diferença entre o controle de sua família, que vivia no subúrbio de Damasco, e da família de seu marido, membro da elite damascena. Para Samia, as mulheres solteiras eram muito controladas em sua família, mas, depois do casamento, e especialmente com o nascimento dos filhos, esse controle era quase inexistente. A família elitizada de seu marido tinha uma concepção muito mais restrita dos espaços sociais em relação aos quais as mulheres poderiam circular.

Annika Rabo argumenta que regras sobre interação entre homens e mulheres podem ser menos rigorosas nas áreas rurais (RABO, 2008, p. 134). As mulheres de elite

---

<sup>9</sup> Mahram é uma categoria que designa pessoas com as quais o casamento é proibido. Importante dizer que nem todas as interlocutoras muçulmanas consideravam essa regra de distância social e usavam hijab.

em Damasco, no entanto, encontram oportunidades, ainda que mais limitadas de interação, como os espaços semi-públicos das academias de ginástica. O contato físico era possível desde que ocorresse discretamente (SALAMANDRA, 2006, p. 154-155).

A classe social, assim como o valor atribuído ao trabalho (SALAMANDRA, 2004), tem um papel importante no que se refere ao exercício de uma atividade remunerada. No exílio, Samia trabalhava com a tradução de textos e atuava como secretária de seu marido, gerando uma renda complementar importante para a economia da família. Se não fosse o conflito, ela disse que estaria, certamente, dedicando-se a algum curso de pós-graduação, dividindo seu tempo entre sua formação e cuidados com a família. Para Samia, em Damasco não havia perspectiva de trabalho, mas em um país de primeiro mundo, como o Canadá, ela poderia construir uma carreira. Ela se dizia diferente das mulheres da família de seu marido, que quando faziam universidade ou trabalhavam, era apenas como uma forma de atrair maridos. Christa Salamandra (2004, p. 52) argumenta que a maioria dos empregos abertos às mulheres em Damasco, por mais prestigiado que seja, não paga o suficiente para permitir que as mulheres se tornem economicamente auto-suficientes. Os empregos são vistos como medidas temporárias no caminho para o casamento ou posteriormente como renda suplementar. Para as jovens solteiras, os empregos são principalmente um local de exibição, cujo objetivo final é garantir um futuro de sucesso na esfera privada, e não na pública.

Muna não era uma mulher da elite. Ela trabalhava e não por causa da migração forçada. Em Daraa, ela trabalhava, antes e depois do casamento, em uma rede de pequeno comércio administrado por seus pais e irmãos. Enquanto viveram na Jordânia, os serviços prestados por ela foram decisivos para a reprodução econômica da família, o que se manteve na Tunísia. Sila trabalhou como operadora de telemarketing, atendente de bar, e professora de inglês e árabe. Com o dinheiro de seu trabalho, ela sustentava sua família no Brasil. Embora tenha recebido episodicamente ajuda financeira de uma tia que vivia nos Emirados Árabes, o sustento familiar dependia exclusivamente de seu trabalho. A mãe de Sila nunca trabalhou, mas isso é interpretado por ela por causa de sua “mentalidade de elite”.

### **Considerações finais**

Os dados apresentados mostram o poder da família. Na Síria contemporânea, a família é uma instituição central na organização da vida social. Em termos materiais, as

conexões de parentesco funcionam para mobilizar pessoas e recursos, enquanto no nível simbólico, o parentesco evoca conexões íntimas (WEDEEN, 1999, p. 51). Este artigo desafia a ideia de um colapso das relações familiares no refúgio, ao considerar as relações antes e durante o deslocamento. A descrição das relações familiares mostra que elas são complexas e imprevisíveis, exigindo análises mais cuidadosas sobre o impacto do refúgio na estrutura das famílias.

Ao confrontar modelos idealizados de família e contextualizar diversos pertencimentos, este texto pretende contribuir para uma visão mais plural das relações familiares no contexto da migração forçada. Os refugiados não podem ser descritos como se compartilhassem de uma mesma história de deslocamento. As experiências de mulheres e homens no exílio variam em relação à geração, ideologia, classe social, lugar de origem e pertencimento étnico e religioso, entre outros fatores e circunstâncias. A análise interseccional, nesse sentido, tem muito a contribuir por focalizar na diversidade e complexidade da experiência humana. A análise de múltiplas hierarquias de poder que se cruzam e que moldam a vida das pessoas desafia explicações simplistas.

## **Bibliografia**

- ABU-LUGHOD, Lila. A Community of Secrets: The Separate World of Bedouin Women. **Signs**, 10(4), p. 637–657, 1985.
- ABU-LUGHOD, Lila. **Do Muslim Women Need Saving?** Cambridge and London: Harvard University Press, 2013.
- ACHILLI, Luigi. Back to Syria? Conflicting Patterns of Mobility Among Syrian Refugees in Jordan. **Orient** 57(1), p. 7–13, 2016.
- ACNUR. **Global Trends, Forced Displacement in 2018**. 2018. Disponível em: <https://www.unhcr.org/5d08d7ee.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2020.
- AGER, Alastair e STRANG, Alison. Understanding Integration: A Conceptual Framework. **Journal of Refugee Studies** 21(2), p. 166–191, 2008.
- AGIER, Michel. **Managing the Undesirables: Refugee Camps and Humanitarian Government**. David Fernbach, Cambridge, UK: Polity, 2011.
- ALFADHLI, Khalifa e DRURY, John. The Role of Shared Social Identity in Mutual Support among Refugees of Conflict: An Ethnographic Study of Syrian Refugees in Jordan. **Journal of Community & Applied Social Psychology** 28(3), p. 142–155, 2018.
- AYOUB, Maysa. Gender, Social Class and Exile: The Case of Syrian Women in Cairo. *In*: FREEMAN, J., KIVILCIM, Z. and BAKLAC|OGO~ LU, N. (org.). **A Gendered Approach to the Syrian Refugee Crisis**. Abingdon/New York: Routledge, p. 77–104, 2017.
- ARAISSIA, Hajer. Syrian women refugee in Tunisia: Difficulties accessing economic and social rights. **Collectivus, Revista de Ciencias Sociales**, 6(2), p. 91-103, 2019.

BOUBAKRI, Hassan. Migration et asile en Tunisie depuis 2011: Vers de nouvelles figures migratoires? **Revue Européenne des Migrations Internationales**, vol.31-n.3/4, p. 17-39, 2015.

BUECHER, Beatrix e ANIYAMUZAALA, James. **Women, Work and War: Syrian Women and the Struggle to Survive Five Years of Conflict**. 2016. Disponível em: [https://insights.careinternational.org.uk/media/k2/attachments/CARE\\_Syria-women-work-and-war-report\\_2016.pdf](https://insights.careinternational.org.uk/media/k2/attachments/CARE_Syria-women-work-and-war-report_2016.pdf) Acesso em: 15 fev. 2020.

CASTELLINO, Joshua e CAVANAUGH, Kathleen. **Minority Rights in the Middle East**. Oxford Press, 2013.

CHARRAD, Mounira, M. **States and Women's Rights. The Making of Postcolonial Tunisia, Algeria, and Morocco**. Berkeley: University of California Press, 2001.

CONARE. **Refúgio em números. 4ª. Edição.** 2019. Disponível em: [https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/07/Refugio-em-nu%CC%81meros\\_-versa%CC%83o-23-de-julho-002.pdf](https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/07/Refugio-em-nu%CC%81meros_-versa%CC%83o-23-de-julho-002.pdf). Acesso em: 20 fev. 2020.

DAHLGREN, Susanne. Introduction: The Middle Eastern Family Revisited?. *Hawwa* 6(1), p. 1–11, 2008.

DOUMANI, Beshara. **Family life in the Ottoman Mediterranean: A Social History**. Cambridge: University Press, 2017.

DOUMANI, Beshara. Introduction. In: DOUMANI, Beshara (org.) **Family History in the Middle East. Household, Property, and Gender**. Albany: State University of New York Press, 2003. p. 1–19.

CHAGAS, Gisele Fonseca. Sufismo, carisma e moralidade: uma etnografia do ramo feminino da tariqa Naqshbandiyya-Kuftariyya em Damasco, Síria. 268 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

GRABSKA, Katarzyna. **Gender, home & identity: Nuer Repatriation to Southern Sudan**. Woodbridge, Suffolk: James Currey, 2014.

GRASSO, Ana. La situation des “réfugiés” em Tunisie, une réponse bien trop imparfaite. **OBSERVATOIRE PHAROS**. 20 jun. 2019. Disponível em: <https://www.observatoirepharos.com/pays/tunisie/la-situation-des-refugies-en-tunisie-une-reponse-bien-trop-imparfaite-fr/> Acesso em: 10 jan. 2020.

EL GUINDI, Fadwa. **Veil: Modesty, Privacy and Resistance**. Oxford/New York: Berg., 1999.

HAMID, Sonia. C. **(Des) Integrando Refugiados: Os Processos do Reassentamento de Palestinos no Brasil**. 2012. 326 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília. 2012.

JOSEPH, Suad. Brother/sister relationships: Connectivity, love, and power in the reproduction of patriarchy in Lebanon. **American Ethnologist**, 21(1), p. 50-73, 1994.

KANDIYOTI, Deniz. **Women, Islam and the State**. Basingstoke: Macmillan, 1991.

LIAMPUTTONG, Pranee. **Researching the Vulnerable: A Guide to Sensitive Research Methods**. London: SAGE Publications, 2007.

LOKOT, Michelle. ‘Blood doesn’t become water’? Syrian Social Relations during Displacement. **Journal of Refugee Studies**, (Dec.), p. 1-22, 2018.

MALKKI, Liisa. Refugees and Exile: From ‘Refugee Studies’ to the National Order of Things. **Annual Review of Anthropology**, 24, p. 495-523, 1995.

MALKKI, Liisa. Speechless emissaries: refugees, humanitarianism, and dehistoricization. **Cultural Anthropology**. 11(3), p. 377-404, 1996.

MAHMOOD, Saba. **Politics of Piety: The Islamic Revival and the Feminist Subject**. New Jersey: Princeton University Press, 2005.

- MAZUMDAR, Shampa e MAZUMDAR, Sanjoy. Rethinking Public and Private Space: Religion and Women in Muslim Society. **Journal of Architectural and Planning Research**, 18(4), p. 302–324, 2001.
- MEIHY, Renan A. **Refúgios e diásporas. Identidade religiosa e memória coletiva entre refugiados do conflito sírio assentados em São Paulo**. 2019. 148f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.
- NAVIA, Angela Facundo. **Êxodos e refúgios: Colombianos refugiados no Sul e Sudeste do Brasil**. 2014. 405 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- OXFAM AND ABAAD. **Shifting Sands: Changing Gender Roles among Refugees in Lebanon**. Oxfam International, 2013. Disponível em: <http://policy-practice.oxfam.org.uk/publications/shifting-sands-changing-gender-roles-among-refugees-in-lebanon-300408> Acesso em: 10 jan. 2020.
- PINTO, Paulo G. Hilu. Syria. In: **Dispatches from the Arab Spring: Understanding the New Middle East**. Paul Amar e Vijay Prashad (orgs.). Minneapolis: University of Minnesota Press, 2013.
- PINTO, Paulo G. Hilu. The Shattered Nation: The Sectarianization of the Syrian Conflict. In: HASHEMI, N. and POSTEL, D. (orgs.) **Sectarianization: Mapping the New Politics of the Middle East**. London: Hurst & Company, p. 123–142, 2017.
- RABO, Annika. Gender, State and Civil Society in Jordan and Syria. In: HANN, C. e DUN, E. (orgs.). **Civil Society: Challenging Western Models**. London: Routledge Ltd, p. 155–177, 1996.
- RABO, Annika. Doing Family: Two cases in contemporary Syria. **Hawwa** 6(2), p. 129-153, 2008.
- SA'AR, Amalia. Lonely in your firm grip: Women in Israeli-Palestinian families. **Journal of the Royal Anthropological Institute**, 7 (4), p. 723-739, 2001.
- SALAMANDRA, Christa. **A New Old Damascus: Authenticity and Distinction in Urban Syria**. Bloomington: Indiana University Press, 2004.
- SALAMANDRA, Christa. Chastity Capital: Hierarchy and Distinction in Damascus. In: KHALAF, S. e GAGNON, J. (orgs.). **Sexuality in the Arab World**. London: Saqi Books, p. 152-162, 2006.
- SCHIOCCHET, Leonardo. Refugee Lives: Ritual and Belonging in Two Palestinian Refugee Camps in Lebanon. Doctor of Philosophy (Ph.D.) Anthropologia. Boston University (BU). Boston/Massachusetts, USA, 2011.
- SHARIF, Hind. Refugee-led Humanitarianism in Lebanon's Shatila Camp. **Forced Migration Review**, 57, p. 10-12, 2018.
- SOUZA, Mirian Alves e MANFRINATO, Helena de Moraes. Refugees of the Syrian conflict and the struggle for housing in Brazil. In: Leonardo Schiocchet, Monika Mokre e Christine Nölle-Karimini (orgs.) **Agency and Tutelage in Forced Migration**. Viena, ROR-n e OAW, 2020. p. 119-125, 2020.
- STEVENS, Matthew R. The Collapse of social net workings among Syrian Refugees in Urban Jordan. **Contemporary Levant** 1(1), p. 51-63, 2016.
- SZANTO, Edith. Sectarianism and the Syrian Uprising. **Sulaimani Forum Journal** (3), n.p, 2013.
- TURESS. L'organisation de la conference sur la Syrie exprime la solidarité avec le peuple syrien (R. Abdessalen). **TURESS**. 17 fev. 2012. Disponível em: <http://www.turess.com/fr/tapfr/119234>. Acesso em: 12 jan. 2020.
- UNHCR. **Woman Alone: Fight for survival by Syria's Refugee Women**. 2014. Disponível em: <https://www.unhcr.org/ar/53bb8d006.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2020.

URIARTE, Pilar e MONTEALEGRE, Natalia. Al menos un puñado de gurises. Una experiencia de reasentamiento de niños sírios en Uruguay. *Athenea Digital*, 18(1) p. 91-112, 2018.

WOMEN'S REFUGEE COMMISSION. **Unpacking Gender: The Humanitarian Response to the Syrian Refugee Crisis in Jordan**. 2014. Disponível em: <https://womensrefugeecommission.org/resources/gender-issues/985-unpacking-gender-the-humanitarian-response-to-the-syrian-refugee-crisis-in-jordan>. Acesso em: 01 mar. 2020.

WEDEEN, Lisa. *Ambiguities of Domination: Politics, Rhetoric, and Symbols in Contemporary Syria*. Chicago/London: University of Chicago Press, 1999.